

Ofertório da Cidade para Eneida e vice-versa¹

João de Jesus Paes Loureiro²

De repente fez-se Eneida em Belém.

Há um mistério sereno nas presenças carregadas de bem-querer. Uma nova atmosfera se forma. A alegria impõe sua ditadura de sorrisos. Eneida é sempre a bem-esperada, a bem-recebida. A cidade corre em suas veias como a vida e ela corre pelas ruas da cidade como o amor. Identificam-se na simplicidade e na esperança.

De repente fez-se Eneida em Belém.

Olha Eneida, vê a tua cidade. Continua a mesma que existe? Será aquela que pensarias encontrar? É Santa Maria de Belém do Grão-Pará, Eneida! Com sua santidade barroca e sua virgindade de barro. A cidade algumas vezes exata e tantas outras impossível. Olha, estas mangueiras continuam ensombreado o cansaço dos homens. O tédio dos homens. A angústia dos homens. Por estas ruas lindas as esperanças continuam sendo dispersadas a explosões e espancamentos. E são ruas tão simples, tão plácidas, tão claras. Certo que, em muitas partes, elas são vítimas do mau-gosto provinciano, que faz erguerem-se fachadas de desgosto ou muros de melancolia. Mas é a vida. infelizmente não podemos impedir o horrível, o objeto, o injusto, o que oprime. Ali, o Ver-o-Peso, onde a Cidade é fecundada pelo rio. As barcas balançando, amando. As velas coloridas festejam o ar claro e as bandeiras sorriem, como flâmulas coloridas de alegria. São os barcos, Eneida. Só quem não ri são os caboclos que habitam aqueles tombadilhos. Não porque não saibam. Mas porque não têm vontade. E não sabem porque não têm vontade de rir. Quanto deveremos fazer para que eles saibam, não é? E quando souberem, empinarão as quilhas de seus barcos, em direção daquela preamar, que, por enquanto, apenas o sonho, como a lua nova, nos permite. Aquilo ali é o Pôrto-do-Sal. Belém é a única cidade onde as lágrimas aportam pelo rio,

deixando seus alvos carregamentos de sal. Mais do que ninguém, tu sabes como a nossa cidade tem um clima particular. É delicada. Olha como ela chove devagar, carinhosamente, como se fossem líquidos dedos de carinho, sobre o dorso do olhar.

Há coisas novas na cidade amada, Eneida. Há uma nova consciência adornando o pensamento de todos. Olha estas calçadas, estes muros, aquelas paredes. Como cadernos do povo trazem o seu pensamento inscrito, quando as escolas falham, as praças ensinam e o muro torna-se caderno. É assim, nós sabemos. Todos sabem. Há, também, uma juventude urgente. Que sabe e quer fazer. Que não espera acontecer. Que esqueceu as palmeiras onde canta o sabiá, porque ouviu o solo de perigosas aves de cano em vez de bico, e que não ferem de saudade, mas de morte.

Todas as duas Cidades te conhecem, Eneida. E te amam. Porque pertences a ambas. A cidade do sonho e a da luta. a que se mobiliza na memória e a que se transforma. Por isso, minha crônica colhe, pelas, mangueiras, raminhos de bem-querer para te ofertar.

1. Crônica publicada em A Província do Pará em 16 de novembro de 1968.

2. João de Jesus Paes Loureiro é o atual Secretário de Educação do Estado do Pará e professor de Estética Literária na UFPa.